

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Habitação em Letras Português
Professor Orientador: Cintia Schwantes

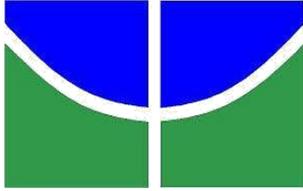
Kamila Marques Jacoub

**O CABELO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA
EM AMERICANAH DE CHIMAMANDA ADICHIE**

A EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DE PERSONAGENS NEGRAS NA
LITERATURA

Brasília
2017

II



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Habilitação em Letras Português

Professor Orientador: Cintia Schwantes

**O CABELO COMO SÍMBOLO De RESISTÊNCIA
EM AMERICANAH DE CHIMAMANDA ADICHIE**

A EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DE PERSONAGENS NEGRAS NA
LITERATURA

Kamila Marques Jacob

Brasília - DF, novembro de 2017.

Kamila Marques Jacoub

Monografia apresentada ao Curso de Letras português, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Brasília - DF, dezembro de 2017

4

O CABELO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA EM AMERICANAH DE CHIMAMANDA ADICHIE. A EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DE PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA.¹

Kamila Marques Jacob

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a presença de mulheres negras na literatura. O objeto de estudo se encontra no livro *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie, romance que traça um paralelo sobre a existência de uma mulher africana vivendo em meio a uma sociedade branca, através do uso de seus cabelos naturais ou de tranças tradicionais. A narrativa utiliza dos símbolos da negritude e a protagonista alcança um empoderamento estético e social no meio em que vive e se expressa. Esse empoderamento deriva da ressignificação de sua própria identidade como mulher negra, sua identificação e enfrentamento a esses mecanismos do racismo, como também os diversos desconfortos que sua existência suscita. Eles operam como símbolos de resiliência, que ao longo do romance desconstruem a estética histórica da branquitude e por consequência honram sua ancestralidade de matriz africana. A obra apresenta traços autobiográficos ao lado de ficcionais, e será contrastada com referências a outras escritoras negras que procuram expor a importância do cabelo crespo para a afirmação política da mulher negra. O cabelo, além de símbolo de identificação e aceitação estética, também se apresenta como marca da perpetuação da corporeidade negra e sua constante resistência.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Cabelo Afro, Ancestralidade, Identificação, Empoderamento, *Americanah*.

ABSTRACT

The present work is a study on the presence of black women in the literature. The object of study is found in the American book of Chimamanda Ngozi Adichie, this novel draws a parallel on the existence of an African woman living in the midst of a white society, through the use of her natural hair or traditional braids, use her symbols of blackness and attains an aesthetic and social empowerment in the environment in which it lives and expresses itself. This empowerment derives from the resignification of her own identity as a black woman, her identification and confrontation with these mechanisms of racism, as well as the various discomforts that her life arouses, are symbols of resilience, throughout the decontamination romance of the historical aesthetics of whiteness and and consequently honors his ancestry as an African matrix. A work presents autobiographical traits alongside fictional ones, and is contrasted with references to other black women writers who try to expose an importance of the hair for a political affirmation of the black woman. Hair presents itself as a symbol of aesthetic identification and acceptance, and also as a perpetuation of black corporeity and its constant resistance.

Keywords: Black Women, Afro Hair, Ancestry, Identification, Empowerment, Americanah.

1. Introdução

Desde os primórdios da história humana temos os cabelos como representantes fundamentais da personalidade humana. Arquetipicamente encontramos nos cabelos índices como: força, beleza, sedução e resistência. Nos dias de hoje, esse traço ainda detém carga cultural e simbólica, inclusive sendo utilizado por muitas etnias para definir diversos papéis sociais, distinguir gênero, casta, cargo social ou político. Os cabelos consubstanciam uma forma de expressão e de contato com o mundo externo, sendo utilizados nos tempos atuais como uma plataforma de expressões, sejam elas étnicas, emocionais ou políticas. Através dos cabelos os seres humanos se afirmam, expressam e dialogam:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. A identidade negra é entendida, no contexto deste trabalho, como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. (GOMES, 2006, p.2)

Os pelos nos seres humanos inicialmente tinham a função de conter o frio e proteger a pele de possíveis mudanças de temperatura, sendo uma proteção natural criada a partir da necessidade biológica, mas percebe-se que, ao longo da história humana e a partir da construção e da vivência em comunidade, as diversas culturas e etnias foram agregando aos pelos algum valor simbólico identitário, que pode evidenciar para determinada etnia ou grupo algumas possíveis especificações, como gênero, posição social, prestígio, posição política etc. Segundo Nakano podemos ver que:

No ser humano, devido ao processo evolutivo, os pêlos [sic] não exercem nenhuma função vital. No entanto, do ponto de vista social, o cabelo (denominação dos pêlos [sic] na região do couro cabeludo) é muito importante: reforça a autoestima, enquadra o indivíduo num determinado grupo de pessoas, cultura ou etnia; além do apelo estético (pois está associada à juventude e beleza) e sexual (NAKANO, 2006, p. 1)

A questão do cabelo crespo para a mulher negra, a nível mundial, passa historicamente por uma série de fenômenos sociais. Toda a construção estética daquilo que entendemos como belo atravessa um sistema que impõe o embranquecimento, através de movimentos segregacionistas e de uma escala de valores estéticos que marginalizam quem escapa dela. As anulações e opressões aos corpos de mulheres e homens negros evidenciaram formas de opressão muito enraizadas na ideia de o que tudo que é genuinamente negro é feio, sujo e ruim, especialmente o cabelo, com consequência mais sensível para a mulher negra, uma vez que uma das marcas da submissão de gênero é a necessidade de performar os padrões de beleza do grupo social vigente como forma de inserção. Segundo Bell Hooks (2005, p.4), em Alisando nossos cabelos:

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e foram considerados uma celebração da condição de negro(a). (

Dessa maneira, temos o cabelo como parte de um corpo social, fundamental para que entendamos o lugar social a que se destinam as mulheres que usam seus cabelos naturais, posto que os cabelos das mulheres negras podem ser usados para traçar uma ponte de melhor compreensão das relações entre a mulher negra e a sociedade, e conseqüentemente a maneira como essa mulher negra será vista e tratada. Para esse efeito, podemos citar Nilma Lino Gomes, em seu texto “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? ”.

Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. (2002.p 3)

Como será visto na análise do corpus, Ifemelu, a protagonista, tem clara consciência dos possíveis usos de seu cabelo, tanto em sua forma natural como “domesticado”, para efeito de inserção social. O processo de reificação que as mulheres negras vivenciam em suas existências em sociedade demarca a amplitude estrutural do racismo. Dessa maneira, Ifemelu percebe em seu cabelo um instrumento de luta e poder.

1.1 O cabelo nas etnias de origem africana.

A África é vista historicamente como o berço cultural da humanidade e apresenta em suas tranças intrincadas e milimetricamente esculpidas uma série de símbolos históricos e culturais que expõem para o mundo um diálogo estético e visual, uma forma de expressão externa dinamizada através dos cabelos, sistematizada como expressão corporal, social e política em diversas etnias da África.

Cada etnia tem sua maneira particular de utilizar o cabelo para exercer distinções sociais ou denotar alguma característica específica. Os tipos de estruturas dos fios, os estilos de cabelo, os variados tipos de penteados são índices étnicos/raciais e são essenciais no que tange socialmente à construção da identidade negra na África e, por conseguinte, também se apresenta significativamente na Diáspora. Como podemos ver, na África, as tranças também podem abranger um amplo terreno social: religião, parentesco, estado, idade, etnia e outros atributos de identidade que podem ser expressados através das tranças, penteados, cores, extratos de plantas e ondulações; assim, o cabelo expande os diversos diálogos identitários. Existe uma ampla iconografia para esse efeito, da qual apresentamos, a seguir, alguns exemplares:

Figura 1- Vênus de de Willendorf.



Musée d'histoire naturelle de Vienne en Autriche.

Figura 2- Mumia da possível rainha Nefertari



Mummy of New Kingdom

As imagens de mulheres com cabelos trançados na antiguidade, são de diferentes lugares do planeta. A Vênus de Willendorf foi encontrada em um sítio arqueológico na Áustria, mas todos os elementos utilizados em sua feitura denotam que essa escultura não poderia ter sido feita naquela região. Uma das hipóteses arqueológicas é de que sua cabeça é coberta por tranças, remetendo a povos antigos que utilizavam as tranças como adorno e proteção do sol. A múmia que provavelmente foi a rainha Nefertari também mantém extensões de cabelos pregadas na cabeça. A hipótese é de que tenha falecido aos 70 anos e seu cabelo já tivesse caído, as tranças teriam sido usadas para disfarçar a calvície.

Figura 3- Estátua de NOK



Nigéria 500ac.

As tradições de cabelo mais ricas foram derivadas de suas origens na África. As culturas tribais dotaram os cabelos com significados espirituais e, para essas comunidades, eles detinham um status e poder imenso. Situado no topo da cabeça, parte mais elevada do corpo, acreditava-se que o cabelo era o canal para que deuses e espíritos alcançassem a alma, um portal que conectava os dois mundos.

Esse conceito do alto da cabeça é muito arraigado a cultura tradicional africana, como podemos observar na tradução do conceito de Orí, no dicionário Yorubá/Portugues 5^o edição por Regina Augustta Costa:

ORÍ ou OLORI - (oni+ori = dono ou senhor da cabeça). Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos candomblés. É, além disso, uma divindade doméstica yorubá guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos. Também se diz que é a alma orgânica perecível, cuja sede é a cabeça e dá inteligência, sensibilidade e prosperidade.

As mais variadas formas de tranças e rituais também foram utilizadas como vínculos significativos entre mulheres, homens, idosos e crianças, e as técnicas tradicionais foram passadas ao longo de gerações. Os costumes de trança eram de serviço ritual e social, exercidos por cabelereiros que detinham prestígio social e que podiam tocar na cabeça dessas pessoas, promovendo interações sociais inerentes a esses povos, adornando cada grupo social com um determinado tipo de penteado, estilo de trança, provida com gordura animal ou extrato natural de plantas. O cabelo detém ilimitada importância para o povo negro, seja no que tange a história da humanidade, seja nos dias atuais:

Figura 4- Iniciação ao candomblé



Para o candomblé o ritual da raspagem da cabeça (Orí) é o primeiro passo para começar seu caminho no Axé (Asé), representando novamente a cabeça como ponto primordial de contato entre o mundo interno e o mundo externo, além dos diversos símbolos étnicos e culturais passados a partir desse ato, como uma forma de limpeza e reapresentação daquela pessoa para o mundo espiritual. A raspagem funciona para o candomblé como uma apresentação, pois no ato de raspar o cabelo, os filhos de santo deixam seu passado e honram sua nova vida junto ao Axé.

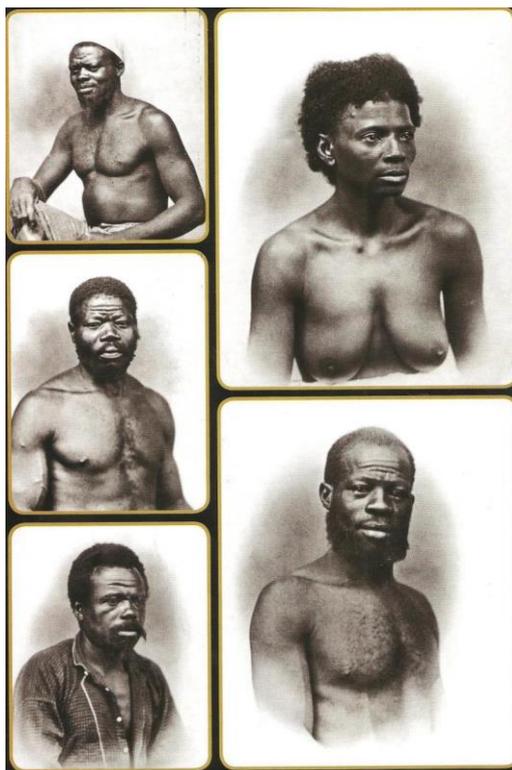
De forma completamente oposta, na conjuntura da escravidão, o primeiro

passo após a captura, era raspar cabeça daquele que se tornaria um escravo, em um primeiro momento por conta da higiene, mas também como uma maneira de demarcar sua vida e destruir seu passado, pois no cabelo eles tinham a denominação de seu prestígio social dentro de suas etnias, dessa forma, raspando o cabelo, encerrava-se e retirava-se sua expressão social:

No regime escravista a “lida” do escravo implicava em trabalhos forçados no eito, na casa-grande, na mineração. Implicava, também, a violência e os açoites impingidos sobre o corpo negro. Dentre as muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha um significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marca de identidade e dignidade. Esse significado social do cabelo do negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros e as negras da atualidade. (GOMES, 2006, p. 8)

Essa narrativa de opressão se inscreve no romance, no momento em que Ifemelu, por exemplo, tem sua primeira experiência de alisar o cabelo no seio da família, pelas mãos das mulheres mais velhas, que deveriam manter a tradição, mas são impelidas a buscar identificação com o colonizador. É já dentro do contexto norte-americano de resgate de uma identidade africana que ela volta a trançar seus cabelos, como uma maneira de honrar sua matriz e se reafirmar de forma diaspórica.

Figura 5 – Registros fotográficos dos indivíduos da “raça pura”, por Louis Agassiz.

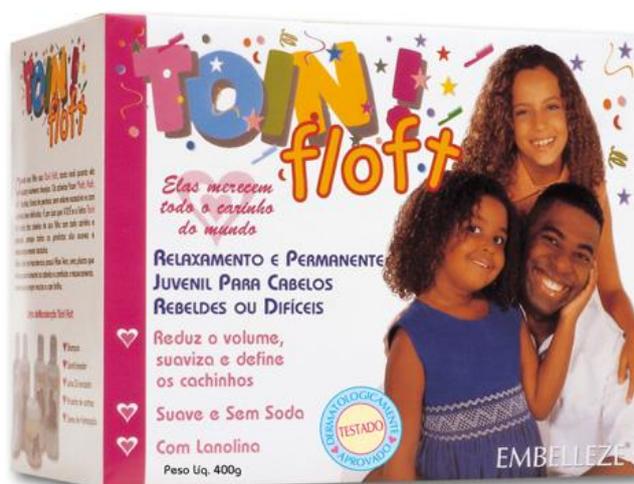


2. O cabelo para a mulher Negra

Os cabelos sempre foram utilizados como símbolo de resistência e luta dentro da história da mulher contemporânea. Podemos citar, na década de 20, as “Flappers” e seus cabelos muito curtos, utilizados para chamar atenção para as vivências em meio a uma sociedade sexista e patriarcal. O cabelo cortado de forma radicalmente menor também desmistifica o que fora antes propagado como feminino. Assim, através de seus cabelos, essas mulheres puderam manifestar suas necessidades e enfrentar a sociedade vigente.

Na história das mulheres negras o cabelo também detém esse papel fundamental em sua argumentação simbólica como um instrumento de resistência. Um dos principais movimentos históricos, filiados à luta afro descendente, ocorreu na década de 60, o movimento Black Power. Esse movimento social e político deteve em sua estrutura as ferramentas necessárias para os principais questionamentos acerca da imposição da alteração da estrutura capilar de mulheres negras: os alisamentos, que tanto são utilizados para diminuir o volume dos cabelos crespos, embranquecendo-os para serem melhor aceitos socialmente. Esse fato demonstra ainda hoje a força e a manutenção do racismo em nossa sociedade moderna.

Figura 3 – Creme de Alisamento para crianças.



Desde muito pequenas as crianças negras passam por esses processos de alisamentos de seus cabelos. Tais momentos são encarados como possíveis ritos de

passagem, onde através da química capilar se tornariam capazes de adentrar com maior passibilidade em espaços antes interditados. Toda a segregação que uma criança negra de cabelo crespo sofre durante os anos escolares evidencia o quanto o cabelo da mulher negra ainda é um dos mais presentes e perversos mecanismos de racismo, como Bell Hooks evidencia em seu texto “Alisando nossos cabelos”:

Não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos. Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres (mesmo as que não se conheciam bem) podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um mundo tão importante quanto a barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo. (HOOKS, p. 1)

Desde muito novas as crianças negras são incentivadas a alisarem seus cabelos, sempre ouvindo que eles são rebeldes, difíceis, que tem a estrutura ruim. Seja na escola ou no convívio com outras crianças, o racismo na infância é um tema muito abrangente e que marca a história de homens e mulheres negras para o resto da vida. Pode-se dizer que há pouquíssimo tempo conseguimos ver as crianças usando seus cabelos e expressando suas características negras livremente, pois existe todo um sistema social de racismo que permite e obriga as mães a alisarem o cabelo de suas crianças, expondo-as a componentes químicos muitas vezes nocivos à saúde, como um ato de tentar aumentar sua aceitação social e, também, de diminuir o impacto racial e conseqüentemente emocional pelo qual elas mesmas também passaram. Podemos constatar esse fenômeno na cultura popular, como é exemplo a canção de MC Sofia:

“Conta pra menina que pra ser bonita, tem que alisar o cabelo e passar a tal da química. Essa tal da química que é perigosa, causa na pretinha uma ferida cabulosa (...). Por isso eu aviso, não alise seu cabelo, deixei ele natural, que é muito mais bonito e melhora o visual”
(MC SOFFIA DE ONDE EU VIM)

Essa fala da “Mc Soffia” denota todo um sistema de opressão que as crianças negras de cabelo crespo passam ao longo de toda sua vida. Nessa nova geração vemos o empoderamento suficiente para não permitir mais ter os cabelos modificados e alisados por produtos químicos.

2.1 O cabelo como índice identitário na África.

“O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância constitui um verdadeiro ritual para esta família. Elaborar tranças é uma tarefa apreendida e desenvolvida pelas mulheres negras.” (GOMES, 2003, p.171)

Para Ifemelu ,as tranças são peças fundamentais de sua interação afro centrada em paralelo com o mundo branco em que vive nos Estados Unidos. Sua aceitação e utilização das tranças tradicionais africanas contribuem para uma silenciosa luta simbólica por espaço.

Figura 6 – This History Of Cornrows And The Tradition Of Braiding



African Origins 1a: The Louvre, Paris.

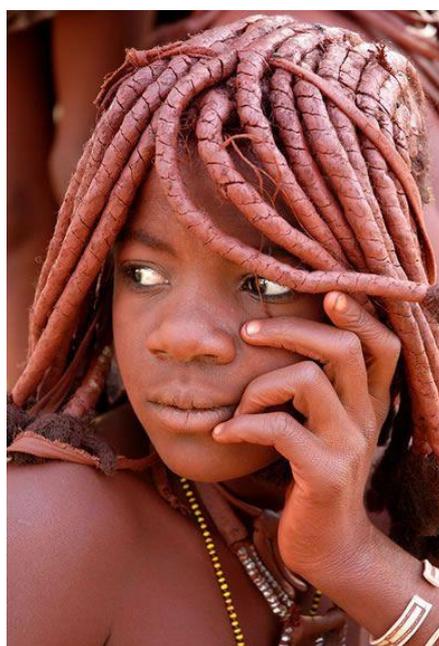
As tranças desenhadas desde o crânio são evidências muito fortes de uma herança africana em diáspora e são elementares para o entendimento da estética africana. Simbolicamente as tranças africanas carregam em sua história um passado de realeza e beleza, outrora destruído e conseqüentemente deturpado pela escravidão e racismo.

Muitas mulheres, atualmente, encontram nas tranças uma maneira de se conectarem com suas raízes afro, enquanto muitas pessoas não conseguem aceitar

seus cabelos naturais, por conta de todo o sentido de inferioridade que cultivaram durante a mais tenra infância. Algumas pessoas utilizam-se das tranças para enaltecer seus traços negros e salientar o seu bem estar com sua negritude, como também para ocupar seu lugar no mundo, e serem vistas e respeitadas enquanto pessoas negras.

Cada etnia da África tem suas próprias características capilares, usadas como forma de expressão identitária e cultural. Algumas, como o povo Himba localizado na Namíbia, utiliza extratos naturais de plantas ou cascas de árvores em conjunto com gordura animal para dar a cor avermelhada aos cabelos e ao corpo. Essa mistura, chamada de “Otjize”, não tem função apenas estética, também funciona para afastar os insetos e proteger o corpo do sol e do calor. Apenas as mulheres Himba utilizam da mistura, que além de diferenciar entre os homens e as mulheres da tribo, também simbolizam o sangue e a terra, símbolos da vida tão presentes na vida das mulheres.

Figura 6 – Povo Himba.

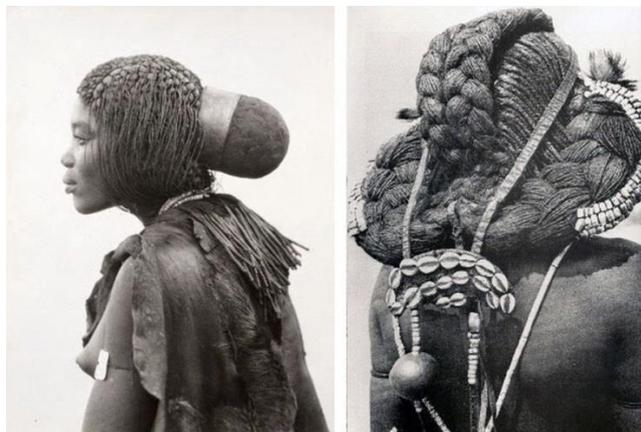


National Geographic

O povo Mbalantu tem uma tradição de enormes tranças que são cultivadas desde a primeira infância entre as meninas, utilizando ceras naturais e gorduras vegetais juntamente com o espesso extrato da casca de uma árvore finamente moída da omutiulu (*Acacia reficiens*), que seria parte do segredo de seu enorme crescimento. Durante sua cerimônia de iniciação de ohango, as meninas são

desafiadas a manterem as longas tranças presas por diversos ornamentos feitos de cerâmica e fibras, com um peso absurdo na cabeça. Caso consigam passar pela cerimônia, são oferecidas como novas noivas para a tribo, podendo dar continuidade as suas tradições.

Figura 7 –Povo Mbaluntu



CHL Hahn, Coleção Antje Otto

Dessa maneira é possível compreender a importância das tradições capilares para o continente africano e, por consequência, para seus descendentes, estejam eles em outros continentes como resultado do passado escravista, como no Brasil, seja sendo utilizado como símbolo de resistência histórica e cultural e como índice identitário, como encontramos no texto de Nilma Lino :

A força simbólica do cabelo para os africanos continua de maneira recriada e ressignificada entre nós, seus descendentes. Ela pode ser vista nas práticas cotidianas e nas intervenções estéticas desenvolvidas pelas cabeleireiras e cabeleireiros étnicos, pelas trançadeiras em domicílio, pela família negra que corta e penteia o cabelo da menina e do menino. Pode ser vista também nas tranças, nos dreads e penteados usados pela juventude negra e branca. Se no processo da escravidão o negro não encontrava no seu cotidiano um lugar, quer fosse público ou privado, para celebrar o cabelo como se fazia na África, no mundo contemporâneo alguns espaços foram construídos para atender a essa prática cultural. (GOMES N. L. 2003, p.)

2.2 O cabelo como símbolo de resistência para a mulher Negra

O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas[...] É um dos elementos mais visíveis e destacados do rosto. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. (GOMES, 2003, p.8).

Através da perspectiva histórica das mulheres negras, os cabelos também detêm esse papel fundamental como um instrumento de resistência. O movimento Black Power, por exemplo, deteve em sua estrutura as ferramentas necessárias para os principais questionamentos acerca da imposição da alteração da estrutura capilar de mulheres negras, os alisamentos capilares, utilizados para diminuir o volume dos cabelos crespos e disfarçar suas características negroides. Esta é uma das maneiras mais comuns de violência para com as mulheres negras. O alisamento de seus cabelos está amplamente arraigado a seus costumes cotidianos e sua existência em sociedade, desde a infância até a vida adulta. Alisar os cabelos consubstancia e denota o ostracismo e a violência do racismo estrutural em nossa sociedade.

O cabelo é um marcante indício de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa na cultura. O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra. E ser negro no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de afro descendentes.

(LODY, R. 2004, p.125)

O cabelo está intrinsecamente ligado à sobrevivência, resistência e existência do povo negro na diáspora. Utilizado como forma de comunicação e luta, temos no cabelo um dos principais componentes estéticos representativos do povo negro e seus descendentes.

3. O cabelo como símbolo Identitário em Americanah

Mais tarde, disse: “Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado”. “Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?”, perguntou Ifemelu.

“Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido.” (ADICHIE, 2014,p.111)

Neste trecho do livro *Americanah*, conseguimos observar com amplitude o racismo e o ostracismo social vivido por pessoas negras que usam seus cabelos naturais ou trançados no estilo africano. Esse tipo de situação é encontrado em diversas esferas, desde a procura de um emprego, até a maneira como as pessoas vão se relacionar com essa pessoa, como ela será vista e qual papel social que desempenhará:

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência no começo, mas quando a cabeleireira estava tirando o relaxante enquanto ela mantinha a cabeça apoiada em uma pia de plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro cabeludo e se refletiram em partes diferentes do corpo, ricocheteando de volta para a cabeça. “Arde um pouco”, disse a cabeleireira. “Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca! (ADICHIE, 2014, p.174)

O cabelo como um índice cultural reafirma determinados pontos racistas em nossa sociedade. Na África o cabelo representa um símbolo cultural de poder e beleza, em Diáspora acaba se tornando socialmente um artifício de dificuldade de inserção em determinados espaços, ainda mais quando esses espaços são categoricamente brancos, como evidencia Grada Kilomba em entrevista:

“O racismo é muito complexo, lida com uma série de alienações e uma das alienações é exatamente a de que eu, enquanto pessoa e mulher negra, posso ter meu dia a dia interrompido e ser forçada a lidar com uma questão que não me pertence a princípio. Sou forçada a lidar com uma série de fantasias e de fantasmas que não são os meus. O racismo nos usa como depósito de algo que a sociedade branca não quer ser. Algo que é projetado em mim e eu sou forçada neste mise en scene, nesta encenação, a ser a protagonista de um papel que não é meu e com o qual eu não me identifico”

Observando esse status social que o cabelo detém em toda nossa sociedade é possível compreender melhor o motivo principal de mulheres negras alisarem seus cabelos. King (2015) explica de que maneira a mídia influencia de forma devastadora a autoestima e auto aceitação das pessoas negras, criando uma crença de que obtendo-se o cabelo mais liso, essas pessoas não evidenciarão tão fortemente seus traços e passados negros:

Podemos levar em conta que a maioria das decisões feitas em relação ao alisamento (e também a outras práticas estéticas) acontece dentro dos salões de beleza. As mídias exercem uma poderosa influência neste caso (programas de TV, revistas, cartazes), mas também o desejo de pertencer a um grupo social, como já foi pontuado aqui. Como contraponto, algumas mulheres negras afirmaram ter parado com o alisamento porque foram convencidas de que era preciso estar visualmente inscritas no que se entende como “ser negro”. (BELLO, 2015, p.6)

Dessa forma, vemos na personagem de Americanah uma possibilidade de aceitação. O cabelo entrecorta toda a estrutura do romance, do começo ao fim: em todas as lembranças da infância, todas as opressões vividas como adulta, em todos os pedidos para que tocassem em seu cabelo, é sempre possível observar o cabelo sendo utilizado como uma plataforma de exclusão e permanência. Através das tranças, Ifemelu impõem sua existência negra.

Ifemelu tirou as tranças, tomando cuidado para não machucar o couro cabeludo, para não mexer na camada que o protegeria. Havia uma variedade imensa de relaxantes, caixas e mais caixas na seção de “cabelo étnico” da farmácia, com fotos de mulheres negras sorrindo com cabelos impossíveis de tão lisos e brilhantes ao lado de palavras como “botânico” e “aloe vera”, que prometiam um processo suave. Ela comprou um numa caixa verde. No banheiro, passou com cuidado o gel protetor entre as raízes e a testa antes de começar a besuntar o cabelo com o relaxante cremoso, madeixa por madeixa, com as mãos em luvas plásticas. O cheiro a fez lembrar o laboratório de química e, por isso, Ifemelu forçou a janela do banheiro, que muitas vezes emperrava. (ADICHIE, 2014, p.173)

Como vemos, durante todo o romance Ifemelu se depara com as impossibilidades que seu cabelo crespo gera em sua carreira, em quase todos os movimentos que faz para manter seu cabelo natural, desde o ato de ir a um salão especializado e perguntarem se ela gostaria de alisar para ficar mais fácil de trançar, a subsequente fala de sua querida tia de que deveria fazer o que fosse preciso para conseguir a vaga de emprego, mesmo que para isso precisasse alisar e apresentar um visual mais “branco”, com cabelos “mais soltos” e menos “negros”:

Ele é maleável, visível e possível de alterações e foi transformado pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. O cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. (...) Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2002, p.7).

Esse trecho de Nilma Lino nos explicita como a identificação como pessoa negra no mundo perpassa uma análise muito profunda sobre o tipo de cabelo que temos, e, mediante a isso, temos no romance Americanah diversos conflitos sobre quem Ifemelu tem que parecer ser para conseguir alcançar determinado prestígio social, ou qual violência estética teria que passar para conseguir uma vaga de emprego, ou uma ascensão em algum grupo do qual faz parte. Temos no cabelo crespo e no cabelo alisado uma ambiguidade social, pois o alisamento do cabelo proporciona para as pessoas negras em nossa sociedade uma possibilidade maior em determinados espaços, e essa visão já está intrinsecamente narrada nos corpos e

cabelos negros, como uma verdade absorvida. Ter o cabelo menos crespo implica ser vista com melhores olhares, como podemos observar no trecho a seguir:

“Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo.” (ADICHIE, 2014, p. 173)

Figura 7 – Chimamanda com seus cabelos naturais



The Wall Street Journal

As pessoas são designadas como “minoria étnica” sem que lhes seja pedido consentimento. Podem ficar satisfeitas com a situação, ou passar mais tarde a gostar dela, e até lutar por sua perpetuação sob alguma palavra de ordem do tipo "Black is beautiful". O problema, contudo, é que isso não influencia o estabelecimento das fronteiras, que é administrado pelas “comunidades poderosas”; e perpetuado pela circunstância dessa administração. (BAUMAN, 2003, p. 62).

Mesmo com toda a violência física, social e psicológica demarcada por esse tipo de processo químico, vemos ao longo da história milhares e milhares de mulheres sucumbirem às químicas capilares com o sonho internalizado de não passarem por mais tantas agressões em suas vidas diárias. Essas pessoas veem nas formas de alisamento uma autopromoção social, impossível de ser descrita em palavras, mas que o processo de embaquecimento faz questão de demarcar em suas histórias, o que faz essas pessoas se colocarem a mercê desses produtos e desses profissionais, nada preocupados com seu bem estar e sua saúde. É uma

pungente necessidade de aceitação social. O racismo trabalha em níveis muito estruturais em nossa sociedade, como podemos observar no trecho a seguir:

À noite, ela demorou para encontrar uma posição confortável no travesseiro. Dois dias depois, partes de seu couro cabeludo estavam em carne viva. Três dias depois, havia pus ali. Curt queria que Ifemelu fosse ao médico e ela riu dele. As feridas iam sarar, disse, o que aconteceu. Mais tarde, quando passou sem problemas pela entrevista de emprego e a mulher apertou sua mão e disse que “se encaixaria maravilhosamente” na empresa, Ifemelu se perguntou se a mulher teria achado a mesma coisa se ela tivesse entrado naquele escritório com a coroa espessa e crespa que Deus lhe dera, seu afro. (ADICHIE, 2014, p.173)

Ser uma mulher negra africana em um país branco é um dilema que encontramos em todo o decorrer da leitura do romance. De forma sarcástica e peculiar, a narrativa nos faz encarar o racismo de uma maneira divertida como podemos observar no trecho a seguir:

Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente “Tenho um blog Raceteenth sobre comportamento”, porque dizer “Tenho um blog anônimo chamado Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana” os deixava constrangidos. Mas Ifemelu já dissera isso algumas vezes. (ADICHIE, 2014, p.1)

Podemos observar nos trechos de Ifemelu para seu blog Raceteenth uma apresentação, de forma escrachada, de todas as formas de pensar de uma pessoa branca acerca do racismo. Ifemelu utilizava de suas abordagens para encontrar naqueles relatos os mais profundos e verdadeiros retratos do racismo estrutural.

3.1 A existência de um africano em um país branco em Americanah.

Ser uma mulher negra africana em um país branco também traz ao livro diversas implicações entre as próprias personagens africanas, principalmente nos salões de trança, onde se encontram mulheres de todos os lugares da África, muitas delas sem nenhuma possibilidade de ascensão acadêmica, ou que chegaram aquele país de forma ilegal e sem visto. Ifemelu demonstra um desconforto muito grande em todo o romance ao encontrar com essas personagens, muitas vezes felizes de poderem ter saído de seus países africanos, sempre muito agradecidas por estarem em um país branco ocupando subempregos e decididas a não mais voltarem para seus países de origem, como vemos no trecho a seguir:

“Quinze? Muito tempo.” Um novo respeito surgiu nos olhos de Aisha.

“Você mora aqui em Trenton?”

“Moro em Princeton.”

“Princeton.” Aisha ficou em silêncio por um segundo. “Você é estudante?”

“Eu tinha uma bolsa até pouco tempo atrás”, disse Ifemelu, sabendo que Aisha não ia saber o que era uma bolsa. Naquele raro momento em que a mulher pareceu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, Princeton. Sim, o tipo de lugar que, para Aisha, só poderia existir na imaginação, o tipo de lugar que jamais teria cartazes que diziam DEVOLUÇÃO DE IMPOSTO RÁPIDA; o pessoal de Princeton não precisava de devolução de imposto rápida.

“Mas eu vou voltar para a Nigéria”, acrescentou Ifemelu, sentindo um remorso súbito. “Vou semana que vem.”

“Para ver a família.”

“Não. Vou voltar a morar lá. A morar na Nigéria.”

“Porquê?”

“Como assim porquê? Por que não?” (ADICHIE, 2014, p.17)

Muitas vezes para essas pessoas, o novo continente era visto como uma nova proposta de vida, com muito mais glamour e possibilidades de sobrevivência. A partir de suas vindas para esses novos países, essas personagens abandonavam em certa medida seu passado, suas históricas e suas identificações enquanto africanas, vendo nisso a possibilidade de se reconstituírem enquanto novas pessoas. Por isso pareceu a elas tão absurda a possibilidade de Ifemelu decidir retornar a seu país de origem:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar –ao menos temporariamente.

(HALL, 2006, p. 13)

A mesma tentativa de apagamento acontece com seus fenótipos enquanto mulheres negras, que carregam em suas vivências tantas opressões, advindas de seus países de origem, que chegam aos países outrora colonizadores com a ideia fixa de se misturarem ou serem aceitas. Desse modo o alisamento dos cabelos é uma maneira de implementar esse processo, como se o alisamento dos cabelos proporcionasse a essas mulheres uma ascensão social muito mais tranquila.

Aisha tocou o cabelo de Ifemelu. “Por que não usa alisa?” “Gosto do meu cabelo do jeito que Deus fez.”

“Mas como penteia? Difícil de pentear.”

Ifemelu havia trazido seu próprio pente. Ela penteou devagar seu cabelo denso, macio e em pequenas espirais, até que ele ficou parecendo um halo em torno de sua cabeça.

“Não é difícil de pentear se você hidratar do jeito certo”, disse Ifemelu, agora

com o tom convincente de proselitismo que usava sempre que estava tentando convencer outras mulheres negras dos méritos de deixar o cabelo natural. Aisha deu uma risadinha incrédula; ficou claro que não conseguia entender por que uma pessoa escolheria o sofrimento de pentear um cabelo natural em vez de simplesmente alisá-lo.(ADICHIE, 2014, p.14)

Figura 8. Chimamanda com cabelos trançados.



The Culture (For Harriet)

Até mesmo entre as mulheres negras, os alisamentos capilares são lidos como um modos operandi de melhoramento estético. Sua atitude em relação ao cabelo muda apenas quando elas entendem sua relevância e sentem-se seguras para se auto afirmarem negras perante as opressões raciais da sociedade atual:

A vantagem do cabelo liso é o fato de que ali ele já é socialmente aceito, enquanto o cabelo crespo, em desvantagem, causa constrangimento a muitas mulheres que se veem compelidas – ou são solicitadas – a alisarem seus cabelos, tornando este processo parte de suas obrigações profissionais. Ouvi mulheres dizendo que os cabelos crespos possuem uma “aparência agressiva”, o que as impede de conquistar posições profissionais. Uma das motivações que leva a mulher a alisar seu cabelo, portanto, passa pelo acesso ao emprego e conquista de melhores posições profissionais.(KING, data, p. 8.)

Dentro das vivências dessas personagens negras africanas vivenciando um dia a dia entre uma maioria branca, encontramos uma perseverança diaspórica muito latente. Muitas das personagens são negras, mas nasceram na América, e ajudam a criar um parâmetro de diferenciação ostensivo, intrincado e detalhado a cada fala e vivência. Seja nas experiências de Ifemelu na universidade, seja em seu relacionamento com Blane e a família dele, encontramos esses traços determinantes de uma experiência intercambiada entre dois mundos. Em primeiro lugar, os países africanos não detêm em sua estrutura, por toda a história colonial, a possibilidade de crescimento; em segundo, os países colonizadores continuam a manter essas estruturas de forma

ora segregada, ora evidenciada aos berros, como vemos no trecho a seguir:

“Quando vim para cá com meu filho, bateram nele na escola por causa do sotaque africano. Em Newark. Se você visse o rosto do meu filho... Roxo que nem cebola. Eles bateram, bateram, bateram. Meninos negros bateram nele daquele jeito. Agora o sotaque foi embora e não tem mais problema.” (ADICHIE, 2014, p.159)

O ato dessas personagens, de existir perante esses nefastos detalhes racistas, é antes de tudo um ato pela sobrevivência e um apelo ao direito de poder caminhar por um mundo melhor, seja ocupando as vagas nas universidades dos países colonizadores, seja como Ifemelu, retornando depois ao seu país de origem e acreditando na possível melhora e empoderamento da África diaspórica. Encontramos nesse romance detalhes minuciosamente apresentados sobre os papéis sociais impostos pelo racismo:

“Por que só os negros são bandidos lá?”
Ifemelu abriu e fechou a boca. Ali estava ela, uma pessoa que tivera um famoso blog sobre questões raciais, sem saber o que responder.
“Eu adoro Cops. É por causa desse programa que tenho televisão a satélite”, explicou
Zemaye. “E todos os bandidos são negros.”
“Isso é como dizer que todo nigeriano comete fraude”, disse Ifemelu finalmente. Era uma resposta vazia, insuficiente.
“Mas é verdade, todos nós temos um pouco de fraude no sangue!” Zemaye sorriu, parecendo, pela primeira vez, realmente achar graça em algo. Depois, disse: “Desculpe, ô. Não quis dizer que seu namorado é bandido. Só estava perguntando”.(ADICHIE, 2014, p.107)

Aqui encontramos uma narrativa de uma mulher negra em um mundo branco, mas sempre rodeada de outras personagens negras de seu núcleo, como que para mostrar seu papel de protagonismo de sua própria existência. É o que compõe o seu diferencial.

A mídia tem um papel fundamental em toda a construção imagética e identitária do negro em nossa sociedade. Muito raramente encontramos negros como personagens protagonistas, ou quando muito, personagens com certa ascensão social, ainda mais raramente encontramos pessoas negras em situação de prestígio, ainda mais se essa pessoa for negra retinta e mantiver seus traços e cabelo naturais, o que mais uma vez denota a maneira como nossa sociedade ainda exerce enorme influência na maneira como enxergamos e tratamos pessoas negras. Esse romance é, antes de mais nada, uma autêntica forma de rebater o sistema opressor com uma crítica constante, mostrando de dentro como personagens negras esbarram o tempo inteiro no racismo estrutural:

Obama é alguma coisa além de negro? Muita gente — principalmente quem não é negro — diz que Obama não é negro, é birracial, multirracial, mestiço, qualquer coisa menos simplesmente negro. Porque a mãe dele era branca. Mas raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. E o racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo. (ADICHIE, 2014, p. 284)

4. Considerações finais

Em toda a perspectiva de narrativa do romance conseguimos captar a presença de dois mundos paralelos, o primeiro sendo a visão de uma mulher negra africana morando e vivendo em um país branco como os Estados Unidos. Tudo é visto pela perspectiva dessa mulher negra, e as pessoas, brancas ou negras, sempre evidenciam as estruturas racistas advindas de nossa cultura colonial. Mas vemos, ao longo da narrativa, um empoderamento, a sobrevivência de quem emigra e resiste, e vai tomando seu lugar no mundo, requisitando seu lugar outrora roubado, solicitando sua possibilidade de auto amor.

O empoderamento para as mulheres negras diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, modificando o todo através das perspectivas e consciências individuais. Através do empoderamento, encontramos uma forma coletiva de reivindicar nosso lugar no mundo contemporâneo, sempre antes negado as mulheres negras. O empoderamento é antes de mais nada um movimento de retomada as raízes e o fortalecimento através de nossas iguais:

Em uma de minhas conversas que se concentravam na construção social da identidade da mulher negra dentro de uma sociedade sexista e racista, uma mulher negra veio até mim no final da discussão e me contou que sua filha de sete anos de idade estava deslumbrada com a ideia do cabelo loiro, de tal forma que ela havia feito uma peruca que imitava os cachinhos dourados. Essa mãe queria saber o que estava fazendo de errado em sua tutela, já que sua casa era um lugar onde a condição de negro era afirmada e celebrada. Mas ela não havia considerado que o seu cabelo alisado era uma mensagem para a sua filha: nós mulheres negras não somos aceitas a menos que alteremos nossa aparência ou textura do cabelo (HOOKS, 2005, p. 7)

As agressões pelas quais a mulher negra tem passado devido ao alisamento de seus cabelos naturais tem despertado nas mesmas um sentimento comum. Conforme o que ocorreu nos anos de 1960, está acontecendo atualmente um posicionamento de muitas mulheres no sentido de não mais alisar seus cabelos crespos e cacheados, abrindo mão da estética do cabelo liso e assumindo seus fios naturais:

Estavam cansadas de fingir que seu cabelo não era o que era, cansadas de correr da chuva e fugir do suor. Elogiavam as fotos umas das outras e terminavam os comentários mandando “abraços”. Reclamavam que as revistas feitas para os negros nunca tinham mulheres de cabelo natural em suas páginas, falavam de produtos de farmácia tão contaminados de óleo mineral que não conseguiam aumentar a umidade dos cabelos naturais. Trocavam receitas. Esculpiam para si mesmas um mundo virtual onde seu

O legado do feminismo negro é a luta contínua por sobrevivência e pelo direito de poder existir, através de todas as opressões que as mulheres negras sofrem continuamente. O feminismo negro vem abarcar as necessidades do local de fala dessas mulheres, criando um conjunto de força e empoderamento:

“O tema central do pensamento feminista negro é o legado da luta, visto que todas as mulheres negras compartilham a comum experiência de comporem uma sociedade que as desprivilegia. Esta experiência sugere que certos temas característicos sejam proeminentes do ponto de vista destas mulheres. A autora aborda, ainda, a forma como os estereótipos vinculados à representação social são fontes inesgotáveis de violência contra as mulheres negras e também confinadores sociais”. (RIBEIRO 2015)

Através da estética, a existência dessas mulheres negras também pode ser evidenciada. Utilizando de seus corpos e cabelos como instrumentos do legado feminista negro, essas mulheres encontram na aceitação capilar o encontro com sua auto aceitação e amor. O cabelo se torna um portal para o auto amor e o encontro assertivo com sua imagem pessoal é capaz de modificar toda a maneira como essas mulheres foram tratadas ao longo da vida. A resistência em utilizar os cabelos crespos se torna então um instrumento de luta e empoderamento, até porque uma mulher negra com cabelos alisados não deixa de ser negra e não deixa de sofrer racismo, mas uma mulher negra que tenha aceitado seus cabelos naturais reflete um profundo reconhecimento e reconciliação com seu verdadeiro eu.

Quando não se tem a aparência física questionada, contrariada, é preciso sensibilidade e humanidade para se colocar no lugar daqueles que veem, escutam e, sobretudo, aprendem a acreditar que seu corpo e sua presença física são inadequados. Sua existência, atravessada por tais questionamentos, será no mínimo desarmoniosa, pois foi marcada pela rejeição. É preciso trabalhar a autoestima buscando sua essência e sua verdade (KING, 2015, p. 6). Como corrobora hooks,

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.

Geralmente enfatizam nossa capacidade de “sobreviver” apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor. Para conhecermos o amor, primeiro precisamos aprender a responder as nossas necessidades emocionais. Isso pode significar um novo aprendizado, pois fomos condicionadas a achar que essas necessidades não eram

importantes. (HOOKS.2010).

O empoderamento da mulher negra permite com que ela acesse uma forma de amor que em toda a sua vida foi negada. Desde a infância as mulheres negras são levadas a questionarem sua real beleza e a sua inteligência e a maneira como são vistas socialmente acaba por massacrar sua autoestima na grande maioria das vezes. Aceitar-se enquanto mulher negra é fundamental na luta e na existência dessas mulheres. O feminismo negro nasceu da necessidade de poderem falar sem serem silenciadas por nenhum outro sistema hierárquico acima delas, e é através dessa nova forma de poder falar que elas se apoiam e se beneficiam de um acesso ao amor.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

GOMES, Nilma Lino, **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Minas Gerais. Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Dissertação. 2002. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

GOMES, Nilma Lino, **Nota do artigo: Cultura Negra e Educação**. Revista Brasileira de Educação. Agosto, 2003.

Disponível em:

<chromeextension://oemmnndcblldboiebfnladdacbfmadadm/http://www.portal.fae.ufmg.br/pensareducacao/arquivos/Indicleit/Culturanegraeducacao.pdf>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell . **Alisando nossos cabelos**, Revista Gazeta de Cuba.

Unión de escritores y Artista de Cuba, 2005. Disponível em :<<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>

HOOKS, BELL. **Vivendo de Amor**. Portal Géledes. 2010 Disponível em : <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>

KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças.** Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/#axzz3ZBeYdmWu>>.

KILOMBA, GRADA. **O racismo e o depósito de algo que a sociedade branca não quer ser.** 2017. Disponível em: <<https://ponte.org/grada-kilomba-o-racismo-e-o-deposito-de-algo-que-a-sociedade-branca-nao-quer-ser/>>

LODY, R. G. da M. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

NAKANO, Adelino Kaoni; JOEKES, Inês. **Comparação de danos induzidos em cabelos de três etnias por diferentes tratamentos.** 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Instituto de Química, Unicamp. Disponível em: <<http://biq.iqm.unicamp.br/arquivos/teses/vtls000413448.pdf>>

SODRÉ, M. **Claros e escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1999

RIBEIRO, Djamila. **O empoderamento necessário.** Portal Geledés. 2015 Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>>

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro: violências históricas e simbólicas.** Portal Geledés. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-violencias-historicas-e-simbolico>

